



# ÁLVARO MARINHO, O PALHAÇO ALEGRIA: alguns registros sobre a vida e obra de um circense tradicional

LILI CASTRO  
(LÍLIAN CRISTINA ABREU CASTRO)

É palhaça, atriz, escritora e pesquisadora. Doutoranda em Artes Cênicas pela UNIRIO, mestra em Artes Cênicas pela UNIRIO, especialista em História da Cultura e da Arte pela UFMG e bacharel em Comunicação Social. Autora do livro *Palhaços: multiplicidade, performance e hibridismo*. Atua profissionalmente no campo das artes cênicas desde 1997.

## **RESUMO**

O presente artigo discorre sobre aspectos da vida e da obra do artista circense tradicional Álvaro Francisco Marinho, popularmente conhecido como Alegria. Álvaro Marinho foi palhaço, dono de circo, trapezista, malabarista, saltador, equilibrista, ator e mágico. Atualmente, ainda se apresenta, fazendo entradas cômicas em alguns eventos e, completando setenta e sete anos de carreira, é um dos palhaços brasileiros mais antigos em atividade. As informações aqui compartilhadas foram levantadas a partir de uma série de entrevistas realizadas entre os anos de 2008 e 2017, além de utilizar-se também de filmagens de espetáculos, pesquisa bibliográfica e pesquisa documental.

## **PALAVRAS-CHAVE:**

Álvaro Marinho.

Palhaço Alegria.

Circo Cristal Madri.

## **ABSTRACT**

*This paper discusses aspects of the life and work of the traditional circus artist Álvaro Francisco Marinho, popularly known as Alegria. Álvaro Marinho was a clown, circus owner, trapeze artist, juggler, jumper, equilibrist, actor and magician. Currently, he still performs, making comical entries in some events and, completing seventy-seven years of career, he is one of the oldest Brazilian clowns in activity. The information shared here was gathered from a series of interviews carried out between the years 2008 and 2017, in addition to also using filming of shows, bibliographic research and documentary research.*

## **KEYWORDS:**

*Álvaro Marinho.*

*Clown Alegria.*

*Cristal Madri Circus.*



## “O circo é de pai pra filho, de avô pra neto e de bisavô pra bisneto!”

(MARINHO, 2008a)

**No Brasil**, durante os séculos XIX e XX, o circo foi o principal espaço de atuação dos palhaços. Inúmeras companhias itinerantes percorriam o vasto território nacional se apresentando para públicos de todas as idades e classes. Os espetáculos aconteciam debaixo de lonas e os artistas se organizavam em grupos familiares, nos quais os saberes eram transmitidos de geração para geração. A partir de 1950, vários fatores – como o crescente processo de urbanização, a burocracia dos mecanismos de política cultural e a popularização da televisão – tornaram o terreno mais difícil, sobretudo para as companhias de pequeno porte. Muitos circos passaram a enfrentar dificuldades econômicas, chegando a funcionar em condições precárias ou a encerrar suas atividades. No final da década de 1970 começaram a surgir as primeiras escolas brasileiras de circo, gerando formas alternativas de aprendizagem e de subsistência. A partir do surgimento das escolas, o modo original de organização do trabalho circense, em estruturas familiares e itinerantes, ficou conhecido como circo tradicional. Muitos desses circos ainda estão em atividade, mas o número de companhias diminuiu a cada ano. Nesse contexto, é de suma importância jogar luz sobre essa expressão artística, registrando as histórias e os saberes dos circenses tradicionais brasileiros.

O presente artigo é baseado em uma série de entrevistas<sup>1</sup> realizadas com o artista Álvaro Francisco Marinho, mais conhecido como Alegria, um autêntico representante do nosso circo tradicional. Com 86 anos de idade e 77 de carreira, ele é, atualmente, um dos palhaços brasileiros mais antigos em atividade. Gestor de uma pequena companhia itinerante e com elenco familiar, circulou principalmente pelos arredores de Belo Horizonte e por cidades do interior do estado de Minas Gerais. Além de palhaço e dono de circo, Alegria também foi trapezista, malabarista, saltador, equilibrista, ator e mágico.

Álvaro Marinho nasceu em 04 de junho de 1934, na cidade de Governador Valadares. Ele nos conta que “fugiu com circo” ainda criança e que foi um ventríloquo chamado Hernani Lobo

**1** Meu contato com Álvaro Marinho começou quando eu trabalhava como produtora da *Cia Candongas e Outras Firulas*, grupo teatral de Belo Horizonte que, desde 1994, se dedica ao teatro de rua e à pesquisa da comicidade popular brasileira. No ano de 2007, a companhia deu início a um processo de pesquisa junto aos circos tradicionais da região para a construção de um espetáculo chamado *As grandes lonas do céu*, escrito e dirigido por Fernando Limoeiro. Tive a feliz oportunidade de acompanhar o processo e, a partir do contato com os circenses, foram feitas várias entrevistas, além de filmagens, mesas redondas e seminários. Alguns anos depois, durante a escrita do livro *Palhaços: multiplicidade, performance e hibridismo*, aprofundi meu contato com Seu Alegria e sua família, realizando novas filmagens e entrevistas. Agradeço imensamente a toda a família Marinho pela confiança, carinho e disponibilidade. Agradeço também a *Cia Candongas e Outras Firulas*, que generosamente me concedeu acesso ilimitado a todo seu arquivo. Para maiores informações sobre a companhia, ver: <<http://ciacandongas.com.br/>>.



quem o vestiu, pintou sua cara e o batizou com o nome de Alegria. Mavrudis (2016) atesta que ele ingressou no Queiroz American Circus, de Joel de Queiroz, quando tinha apenas nove anos e permaneceu na companhia até completar a maioridade. Em uma de suas falas, nosso artista relembra detalhes de sua estreia no picadeiro:

Na primeira vez eu já ganhei uma roupa de palhaço. Era um camisolão com uma gola grande, que eu levava o corpo pra cima e a gola tampava o rosto. Eu ainda tinha o pé muito pequenininho e o Seu Hernani pegou uma botina grande, quarenta e quatro, e encheu ela bem cheia de algodão, e eu calcei e fiquei com aquele pé grandão. (MARINHO, 2008b)<sup>2</sup>

Desde então, Alegria seguiu no ofício e levou a maior parte da vida de forma itinerante, vivendo e trabalhando em pequenos circos de lona. Pouco a pouco, foi dominando diversas modalidades artísticas e adquirindo conhecimentos sobre aspectos técnicos, estruturais e administrativos do ramo.

Em 1963, enquanto excursionava pela cidade de São Pedro dos Ferros, conheceu Maurita Tereza. Casaram-se e ela seguiu com ele para a vida circense, tornando-se a *crownete*<sup>3</sup> Marinete e se apresentando também como rumbeira, atriz, *partner* e ginasta.

Após o nascimento dos primeiros filhos, o casal decidiu fundar sua própria companhia, o *Circo Novo Mundo*. As múltiplas experiências vividas na juventude foram imprescindíveis para que Alegria pudesse gerir o empreendimento. Na sua concepção, para ser dono de circo, é preciso saber *ver* o tempo, escolher o terreno, palombar a lona<sup>4</sup>, bater estaca, fazer nós, armar a estrutura, treinar os descendentes, montar o espetáculo, vender ingressos e, sobretudo, dominar todas as técnicas apresentadas pelo grupo:

Se na hora do espetáculo um palhaço, um trapezista, equilibrista, um artista lá, qualquer um, adoeceu e não podia trabalhar, eu não tirava o número do programa não! Eu ia lá e fazia a parte dele! Eu era tudo no circo, mas só pra substituir o que faltasse. O dono tem que fazer, mesmo que não seja tão bom quanto artista, mas ele vai lá e faz! (MARINHO, 2017).

---

**2** Essa fala foi proferida por Álvaro Marinho durante uma mesa redonda realizada com palhaços que estavam à frente de circos tradicionais. O evento foi organizado pela *Cia Candongas e Outras Firulas*, em 13 de maio de 2008, em Belo Horizonte/MG. Na mesa estavam presentes Eurico Braskuper, palhaço Rapadura e proprietário do *Circo Imperial*; Waldir Braga, palhaço Pimentão e proprietário do *Fantástico Circo Show*; Álvaro Marinho, palhaço Alegria, proprietário do *Circo Cristal Madri*. A mediação foi feita pelo diretor, professor e dramaturgo Fernando Limoeiro.

---

**3** Desde a fundação do circo moderno, no final do século XVIII, o ofício do palhaço foi exercido prioritariamente por artistas do sexo masculino. Essa tradição se perpetuou por quase duzentos anos, permanecendo ativa no contexto dos circos tradicionais brasileiros. Quando Maurita Tereza se casou com Álvaro Marinho e foi trabalhar no circo, as mulheres ainda não podiam atuar como palhaças. Para assumirem funções cômicas, as artistas circenses precisavam ou interpretar



A partir desse relato, podemos observar a imensa gama de conhecimentos circenses da qual nosso artista é detentor. Alegria faz parte de uma geração cujos artistas não se especializavam em apenas uma ou mais habilidades técnicas, mas, antes, possuíam um saber integral sobre diversos aspectos do ofício.

Enquanto excursionavam, a trupe familiar foi aumentando cada vez mais. Álvaro Marinho afirma, orgulhoso, que teve 19 filhos, todos nascidos debaixo da lona do circo. Nesse modo de vida, a garantia de sobrevivência era uma luta diária e muitas vezes a família passou por desafios e privações. Com o tempo, alguns dos filhos deixaram a companhia para buscar outros modos de vida, enquanto outros seguiram a carreira e foram se especializando cada vez mais nas artes circenses.

Alegria nos conta que seus primeiros panos de roda foram feitos de algodão cru, costurado à mão e esticados sobre estacas de pau-fincado. Certa vez, após terem sua estrutura destruída por uma tempestade, receberam como doação 200 sacos vazios de açúcar cristal<sup>5</sup>, que serviram como matéria-prima para a cobertura do teto. O tecido dos sacos foi devidamente costurado e encerado e, quando subiram a lona, decidiram dar um novo nome à trupe: *Circo Cristal Madri*. Lonas destruídas por intempéries tropicais são um fato recorrente na história das companhias circenses brasileiras, que precisam lutar bravamente para reconstruir suas estruturas e seguir trabalhando<sup>6</sup>.

A companhia familiar apresentava números de malabarismo, trapézio, lira, corda indiana, atirador de facas, pirofagia, equilíbrio de objetos, rola-rola, corda-bamba, arame, magia, dança e palhaços. Além disso, também encenavam algumas peças de circo-teatro, como: *A canção de Bernadete*, *Quando o céu uniu dois corações*, *Os milagres de Santa Terezinha*, *Jesus na casa de pobre*, *O rei bom e a rainha má*, *O boi pintadinho* e *Lágrimas de um pai*, esta última de autoria oral do próprio Álvaro Marinho.

Alegria também criou piadas e entradas cômicas, e acredita que palhaçada é algo que não se aprende em escola, pois o dom de ser engraçado vem de berço. Para ele, o palhaço é a função mais importante e mais difícil do circo, pois, mesmo quando está triste, o artista precisa fazer com que os outros sorrissem. “É uma grande responsabilidade”, afirma, “se o palhaço agradar, o público volta. Se o palhaço não agradar, o público não volta” (MARINHO, 2017). Segundo o professor e

personagens caricatas ou se colocar como auxiliares de algum palhaço, sendo chamadas de partners, crownetes ou soubrettes. No âmbito do espetáculo, salvo raríssimas exceções, mulheres palhaças só começam a surgir a partir da década de 1980, o que, no Brasil, coincide com o período em que os saberes circenses deixam de ser exclusividade das famílias, passando a ser ensinados também em escolas. Nas décadas seguintes, o fenômeno das atuações femininas se difundiu e atualmente a palhaça já se firmou como um tipo cômico no universo circense. Para maiores informações, ver: Castro (2019, p. 80 a 84).

---

**4** Em Mavrudis vemos que o verbo palombar, de origem latina, é próprio dos marinheiros, dos quais o circo tomou emprestada várias expressões. Ela esclarece que: “No circo, palomba refere-se ao remate das cordas nas costuras do pano de cobertura. Em cada costura entre duas nesgas existe uma corda palombada. A palomba é um tipo de costura feita em volta da corda com agulhas próprias e barbante encerado”. (MAVRUDIS, 2016, p. 330).



pesquisador Mário Bolognesi, essa é uma realidade constante no meio circense pois “os circos médios e pequenos têm no palhaço sua grande força motriz, com atuações em entradas, reprises, quadros cômicos e em encenações teatrais diversas, como comédias e dramas”. (BOLOGNESI, 2003. p.12).

Alegria é um palhaço que tem figurinos elaborados. Se veste com um terno xadrez em tons de vermelho e branco, suspensórios listrados e camisa social. Sua gravata é animada por uma estrutura peculiar, que sobe e desce ao comando do artista, dando origem a piadas e *gags* maliciosas. Na cabeça, usa uma peruca que simula uma calvície avançada e sua maquiagem é carregada, cobrindo toda a face em tons de branco, vermelho e preto. Ele esclarece que, segundo a tradição circense, o palhaço precisa pintar o rosto todo. E acrescenta: “se eu não pintar a cara, eu não sou palhaço! Estando sem a tinta eu não sei contar uma piada, não sei fazer ninguém rir e nem chorar. Mas estando com a cara pintada eu faço as duas coisas” (MARINHO, 2016).

Sua marca pessoal é um enorme par de sapatos pretos, com cerca de 60 centímetros de comprimento, que ele mesmo construiu. O “sapatão”, como ele chama, possui uma base firme em madeira e serve para fazer equilíbrios e jogos cômicos. Quando quer realçar alguma fala ou emoção, ele projeta o corpo para frente, ficando em pé sobre a ponta dos sapatos e ganhando altura, como se estivesse sobre um tipo de perna-de-pau.

Ao refletir sobre sua longa carreira, ele ressalta que seu maior orgulho é nunca ter sido vaiado e nos dá uma definição clara e assertiva de sua profissão: “O palhaço é um condutor da alegria para o público. Nada mais que isso” (MARINHO, 2008a).

Para melhor ilustrar o trabalho de nosso artista, irei comentar uma de suas apresentações. Para tanto, utilizo a filmagem de um espetáculo realizado no dia 13 de setembro de 2008, quando o Circo Cristal Madri estava com sua lona armada na periferia de Betim/MG<sup>7</sup>.

A companhia se apresentava sob uma estrutura oval, com aproximadamente 18 x 22 m, que era sustentada por dois mastros e recoberta por um oleado azul e branco. O entorno era circundado por um pano de roda azul e amarelo e a fachada estava adornada com uma gambiarra de lâmpadas. Ao lado da tenda principal, havia uma lona menor, onde funcionavam a bilheteria do circo e a lanchonete. Ali, guloseimas, como pipoca, algodão doce e maçã do amor, eram feitas e vendidas

---

**5** Açúcar cristal é uma variação onde o produto passa por um processo de refinamento, mas não é totalmente transformado em pó, apresentando-se, então, em pequenas partículas, do tamanho aproximado de grãos de areia. Este é um dos tipos de açúcar de cana mais consumidos no Brasil.

---

**6** Cito como exemplo recente os circos *Monte Carlo* e *Rhiwany* que, no final de 2019, tiveram suas coberturas assoladas por uma fortíssima chuva de granizos que ocorreu no estado do Rio de Janeiro.

---

**7** Presenciei esta apresentação e participei do registro das imagens como produtora do projeto *As grandes lonas do céu*, da Cia Candongas & Outras Firulas. Uma descrição do espetáculo na íntegra pode ser lida em Castro (2019, p. 185 a 207).



**FIGURA 1**  
Sapatão do palhaço  
Alegria. Foto: Naty Torres.



pelos próprios artistas. No flanco oposto, havia *trailers* e tendas, que serviam de moradia para alguns dos membros do grupo.

Dentro do circo, arquibancadas e cadeiras que podiam comportar aproximadamente 400 pessoas e, ao centro, um picadeiro retangular de lona, na cor azul com bordas amarelas. Atrás da pista, uma grande cortina vermelha servia como entrada e saída de cena.

Nessa noite, a companhia, que era majoritariamente composta por membros de três gerações da família Marinho, contou com a participação de dois artistas convidados: o mágico Sezióm e Gustavo Bartolozzi, o palhaço Rapadura.

Nessa época, os espetáculos da companhia sempre eram abertos pela seguinte locução em *Off*:

Vivemos um tempo de conquistas, onde a felicidade afasta a tristeza do rosto de cada um. Diretores, artistas e funcionários, todos unidos em uma só meta: entregar a todos vocês o nosso mundo de emoções. As luzes. As lantejoulas. O brilho estampado no rosto de cada um! Tudo isto acontece debaixo de uma lona chamada circo! Do pequeno ao grande, do mais simples ao mais luxuoso, o objetivo é o mesmo: alegrar a todos da melhor maneira possível! Senhoras e senhores, crianças de todas as idades, sejam todos bem-vindos ao maravilhoso mundo do circo! Onde tudo acontece! Onde a fantasia se torna realidade! Onde os adultos se tornam crianças mais uma vez! Respeitável público, começa a partir de agora o nosso espetáculo! (CIRCO CRISTAL MADRI, 2008).

Na sequência ouve-se, por trás da cortina, a voz do apresentador que dá as boas-vindas ao público e introduz a primeira atração: um número de equilíbrio feito por um dos filhos de Álvaro Marinho, Irilei, que é acompanhado por duas *partners*: sua esposa Rosi e sua filha de 5 anos, Lorraine.

A segunda atração foi a entrada conhecida como *Abelha, abelhinha*<sup>8</sup>, interpretada pelos palhaços Mascote e Paraíba, tendo ainda Irilei Marinho no papel de mestre de pista.

Os próximos números foram protagonizados por meninas da terceira geração da família. Pâmela se apresentou na lira e Paloma e Kátia realizaram uma performance de pirofagia.

---

<sup>8</sup> Uma versão dessa entrada pode ser lida em Bolognesi (2003, p. 235-236).



Logo após, chega o momento de Alegria entrar em cena. Nessa noite ele atuou em dupla com o palhaço Rapadura, interpretado por Gustavo Bartolozzi, da *Companhia Candongas e Outras Firulas*.

Rapadura abriu a cena cantando uma cançoneta burlesca que dizia: “Ai, ai, ai, como eu queria! Dar um beijo no sovaco da Maria! Ai, ai, ai, como eu queria! Dar um beijo no sovaco da Maria!” (CIRCO CRISTAL MADRI, 2008). Ele vestia camisa vermelha e jardineira verde-bandeira, com remendos em forma de coração. Usava uma peruca despenteada, loura, que contrastava com sua pele morena e, na cabeça, trazia um penico de ágata branca, velho e lascado. Estava calçado com um enorme par de sapatos pretos, idênticos aos do palhaço Alegria<sup>9</sup>. No rosto, pouca maquiagem, mas mantendo o tradicional nariz vermelho e pintando alguns dentes de preto, como se fosse banguela. Ao terminar de cantar, ele subiu na ponta do sapatão e cumprimentou a plateia:

**RAPADURA: – Boa noite!**

**PÚBLICO: – Boa noite!**

**RAPADURA: – Tá fraco! Ponham linguixa nesse feijão!  
Boa noite!**

**PÚBLICO: – [mais forte] Boa noite!**

**RAPADURA: – Ô povo arretado pra gostar duma linguixa!**

(CIRCO CRISTAL MADRI, 2008).

Em seguida, ele chamou o parceiro, mas este não apareceu. Rapadura insistiu e ficaram todos olhando para o fundo da cena até surgir, discretamente, uma cabeça de palhaço espiando por entre as cortinas vermelhas. Alegria observou calmamente por alguns segundos, criando grande expectativa, e depois entrou cantando energicamente: “Dim-gom-bel, dim-gom-bel, acabou o papel! Não faz mal, não faz mal, limpa com jornal! O jornal tá caro, caro pra chuchu! Como eu vou fazer pra limpar meu... Dim-gom-bel, dim-gom-bel!” (CIRCO CRISTAL MADRI, 2008). No fim da música, ele subiu na ponta do sapatão, dançou e emitiu seus típicos gritinhos: “Uulll! Uulll!”

Alegria vestia seu característico terno xadrez e levava, numa das mãos, uma bengala, e na outra, um saco de juta. Desafiou Rapadura, dizendo que sua saudação ao público seria muito mais

---

<sup>9</sup> Esses sapatos foram manufaturados pelo próprio Álvaro Marinho. O artista Gustavo Bartolozzi, embora não fosse da família, foi o primeiro a ganhar de presente esse acessório tão especial, que era considerado uma relíquia e uma herança do palhaço Alegria.



bonita, estabelecendo aí um tom de disputa, que perdurou por toda a cena. Em tom agudo e ritmado, Alegria fez seu cumprimento habitual: “Distinto e selecionado público, amigos desta hospitaleira localidade! Queiram receber meu sincero e cordial boa noite!” (CIRCO CRISTAL MADRI, 2008). A saudação terminou numa cadência divertida, quase cantada, enquanto ele voltava a se equilibrar na ponta de seu sapatão. E então explicou que se atrasou porque estava passeando com sua nova namorada:

**ALEGRIA: – Hoje eu sou o homem mais feliz de cima da terra!**

**RAPADURA: – E por quê?**

**ALEGRIA: – Porque eu arrumei uma namorada muito bonita, muito asseada e muito maravilhosa!**

**RAPADURA: – Isso é real mesmo?**

**ALEGRIA: – É verdade! É a verdadeira verdade! E ela trouxe um presente pra mim hoje que eu tô doido pra vê o que é!**

**RAPADURA: – Ah! Ele demorou por isso! Arruma uma namorada, bonita e ainda ganha presente! E como é esse presente?**

**ALEGRIA: – Eu ainda não sei!**

**RAPADURA: – E tá onde ele?**

**ALEGRIA: – Tá aqui no saco!**

**RAPADURA: [assustado] No saco?**

**ALEGRIA: – É! O presente tá no saco [e mostra um enorme saco de juta esfarrapada]**

**RAPADURA: – E o que é?**

**ALEGRIA: – Eu não sei! Ainda não abri o saco hoje!**

**RAPADURA: – Então abra!**

**ALEGRIA: [malicioso] – Cê quer que eu abra meu saco procê?**

**RAPADURA: – Ai, ai, ai...**

(CIRCO CRISTAL MADRI, 2008).



Alegria remexeu o interior do saco de juta, procurando seu presente. Finalmente encontrou e disse que era algo de comer, que despertou imediatamente o apetite do *augusto*<sup>10</sup>:

**RAPADURA: – E o que é?**

**ALEGRIA: – É meu!**

**RAPADURA: – E você não vai dividir o presente?**

**ALEGRIA: – A namorada é de quem?**

**RAPADURA: – É tua!**

**ALEGRIA: – Então o presente é meu.**

(CIRCO CRISTAL MADRI, 2008).

E começou a comer prazerosamente um pedaço de bolo. Rapadura ficou desesperado por um bocado, mas Alegria se recusou a dividir. Para proteger seu lanche, ele precisou fugir pelo picadeiro enquanto comia. De repente, Alegria, que nesse momento já estava com 74 anos, simulou um tropeção, caiu e deu uma cambalhota para trás. A seguir se levantou normalmente e continuou comendo. Após muita insistência, ele consentiu em dividir o presente com o amigo. Rapadura recebeu alegremente seu quinhão, mas, ao prestar atenção, fez cara de nojo e disse que aquilo estava uma sujeira. Alegria ficou bravo, se engasgou, e o diálogo prosseguiu:

**RAPADURA: – Seu Alegria! Não me leve a mal, mas essa sua namorada não é nada asseada! Eu não vou comer isso não, viu?**

**ALEGRIA: [erguendo a bengala] – Não fala mal da minha namorada! Ela é limpa, boa e asseada!**

**RAPADURA: – Não é, não!**

**ALEGRIA: – É sim!**

**RAPADURA: – E então esse monte de cabelo aqui é o que?**

**ALEGRIA: Deixa de ser besta, Rapadura! Isso é cabelo do meu saco!**

(CIRCO CRISTAL MADRI, 2008).

---

<sup>10</sup> O termo *augusto* se refere a um tipo de palhaço. No ambiente circense, é comum que os palhaços se apresentem em dupla, desenvolvendo uma relação hierárquica. O posto de autoridade é assumido pelo *palhaço branco* – também conhecido como *clown* ou *crom* – enquanto o papel de subordinado cabe ao *augusto*. Esse tipo costuma ser o favorito do público, pois é, dentro do par de opostos, o mais bobo, atrapalhado e irreverente.



Rapadura jogou seu pedaço de bolo para alguém da plateia e, após receberem os aplausos, iniciaram uma nova cena.

A sequência foi desenvolvida a partir de uma adaptação da entrada conhecida como *notícias da minha família*:

**ALEGRIA: – Você é um sujeito inteligente!**

**RAPADURA: – Sou?**

**ALEGRIA: – É! Você é trabalhador!**

**RAPADURA: – Sou!**

**ALEGRIA: – Você é bacana!**

**RAPADURA: – Sou!**

**ALEGRIA: – Mas sua família não vale nada...**

**RAPADURA: – O quê?**

**ALEGRIA: – Sua família não vale nada!**

(CIRCO CRISTAL MADRI, 2008).

Alegria narrou várias falhas de caráter que teriam sido cometidas pelos parentes do companheiro. Rapadura ficou irritado, andou pela pista, abrindo os braços e batendo os pés no chão, como se fosse um galo de briga. Então, para comprovar a idoneidade de seus parentes, propôs uma aposta:

**RAPADURA: – Olhe aqui, Seu Alegria! Agora eu vou apostar com o senhor, porque minha família não é disso!**

**ALEGRIA: – Você vai perder!**

**RAPADURA: – Tá aqui: dez conto! [Coloca o dinheiro no chão].**

**ALEGRIA: – Pode guardar seu dinheiro que eu não quero ganhar não!**

**RAPADURA: – Seu Alegria! São dez conto!**



**ALEGRIA:** – Então vamos fazer o seguinte: Tudo o que eu falar, ocê responde “sim senhor”! Se falar “não senhor”, ocê perde!

**RAPADURA:** [para o público] – Tá fácil! Assim já ganhei! É só falar “sim senhor”! (CIRCO CRISTAL MADRI, 2008).

**Alegria colocou outros dez reais no chão e reiterou os termos da aposta. A seguir, voltou a falar mal dos entes do parceiro:**

**ALEGRIA:** – A sua irmã mais velha, eu encontrei com ela atrás do muro do cemitério, com três homens casados. É verdade! Eu vi! Vi ou não vi?

**RAPADURA:** [depois de vacilar por alguns segundos]  
– Sim senhor! [E vai pegar o dinheiro]

**ALEGRIA:** – Péra lá! Não é assim na moleza não! É aquele seu irmão, alto e forte, que devia estar trabalhando? Ontem encontrei com ele na frente da polícia! Ele tentou roubar o Banco do Brasil e a polícia desceu o cacete nele! (...) Foi ou não foi?

(CIRCO CRISTAL MADRI, 2008).

Rapadura foi ficando aflito, mas era obrigado a dizer “sim senhor” para não perder o dinheiro. Alegria prosseguiu, falando maliciosamente dos irmãos, do pai, e, finalmente, da mãe de Rapadura:

**ALEGRIA:** – Eu tenho muita dó d'ocê!

**RAPADURA:** – De mim? Por quê?

**ALEGRIA:** – Porque até sua mãe, até sua mãe...

**RAPADURA:** – A mãe não, Alegria! A mãe, não!

**ALEGRIA:** – Sua mãe pegou uma trouxa de roupa desse tamanho lá em casa pra lavar!

**RAPADURA:** – É uma mulher trabalhadora! (...)

**ALEGRIA:** – Mas ela roubou minhas cueca tudo! Roubou vinte cueca minha, pra dar pro seu irmão e pro seu pai, aqueles sem-vergonha! Foi ou não foi?



**RAPADURA:** [sapateando de raiva] – Sim senhor! [e vai pegar o dinheiro, mas Alegria o impede com a bengala]

**ALEGRIA:** – Essa aposta não valeu, não!

**RAPADURA:** – Por que não? Falou mal da minha irmã, do meu irmão, da minha mãe e do meu pai, e ainda não valeu? (...) Por que que é que não valeu?

**ALEGRIA:** – Não valeu porque você já sabia da resposta!

**RAPADURA:** – Não, senhor!

**ALEGRIA:** [rindo e pegando o dinheiro] – Perdeu!

(CIRCO CRISTAL MADRI, 2008).

Alegria propôs mais um jogo competitivo e seguiu exercendo seu domínio sobre o parceiro atrelado. Utilizando a bengala, traçou uma circunferência no chão e perguntou o que era aquilo.

**RAPADURA:** – É uma roda!

**ALEGRIA:** – Olha como ele é besta! Não é uma roda!

**RAPADURA:** – Não é uma roda?

**ALEGRIA:** – Não é uma roda!

**RAPADURA:** – É uma roda!

**ALEGRIA:** – Não é uma roda!

**RAPADURA:** – É uma roda!

**ALEGRIA:** – Não é uma roda!

**RAPADURA:** – É uma roda!

**ALEGRIA:** – Não é uma roda!

**RAPADURA:** – É o que então?

**ALEGRIA:** – Isso é um círculo!

(CIRCO CRISTAL MADRI, 2008).



**FIGURA 2**

Alegria e Rapadura se preparando para entrar em cena. Foto: Naty Torres.



Ele foi para o outro lado do picadeiro, traçou um desenho idêntico e perguntou:

**ALEGRIA: – O que é isso?**

**RAPADURA: – É um círculo!**

**ALEGRIA: – Errou! É uma roda!**

**ALEGRIA: – Agora venha aqui pra trás. [Ambos vão para o fundo da pista] Nós vamos apostar quem chega primeiro, eu no círculo e você na roda. Você vai com a mão e eu vou com o pé! Vamos ver quem chega primeiro? Um, dois, três!**

**[Saem correndo]**

**RAPADURA: – Pus a mão!**

**ALEGRIA: – E eu pus o pé! [Vira de costas empinando as nádegas em direção ao parceiro] Veja aqui meu caburé!**

(CIRCO CRISTAL MADRI, 2008).

Como fechamento, os dois executaram uma brincadeira que Alegria chamou de “mão aberta, mão fechada”, consistindo no seguinte: um deles se colocava de costas para o público, com as mãos atrás da cintura, e o outro precisa adivinhar se ele estava com as mãos abertas ou fechadas. O jogo era aparentemente simples, mas contou com participação ativa da plateia e gerou grande alvoroço. Alegria sempre trapaceava e assim venceu todas as rodadas. Já Rapadura, sem entender nada, tentava seguir as dicas das crianças que gritavam loucamente “aberta”, “fechada”, “aberta”, “fechada”. Enquanto algumas crianças sopravam a resposta certa, outras diziam a errada, se divertindo em confundir ainda mais o Augusto atrapalhado. Por fim, os dois palhaços acabaram se desentendendo e saíram de cena na tradicional *carreira*, um perseguindo o outro. Os espectadores aplaudiram e eles voltaram à pista para agradecer.

Em seguida ainda foram apresentados números de: atirador de facas, corda indiana, trapézio e a entrada tradicional conhecida como *Dói-dói*<sup>11</sup>, todos protagonizados membros da segunda e terceira gerações da família Marinho. A última cena da noite foi feita pelo ilustre Sezióm<sup>12</sup>, artista com mais de 50 anos de experiência em magia circense.

---

**11** Uma descrição desta entrada pode ser lida em Bolognesi (2003, p.250 a 252).

---

**12** Sezióm é Moizés Gomes da Silva, nascido no Ceará em 9 de setembro de 1934. Trilhou carreira circense desde jovem, trabalhando inicialmente em funções administrativas e depois como mestre de pista e mágico. Integrou o elenco de diversas companhias e excursionou por todo o país até que, na década de 1990, decidiu fixar residência em Minas Gerais. Em 2010 Sezióm recebeu o título de *Patrimônio da Mágica Brasileira* e veio a falecer em 20 de fevereiro de 2011. Para maiores informações ver Rossini (2007).



O show foi encerrado com a fala do apresentador Igor, que, agradecendo a presença de todos, recomendou que o público retornasse sempre, pois, a cada noite, a trupe realizava um novo e variado espetáculo.

O Circo Cristal Madri seguiu em funcionamento por várias décadas, atravessando alguns períodos de glória e outros de dificuldades. A partir de 1980, os obstáculos aumentaram, devido às burocracias impostas pelos órgãos governamentais. Cresceram também os custos de manutenção e o público se fez cada vez mais escasso, seduzido e dispersado por novas formas de entretenimento. Muitos circos de pequeno e médio porte baixaram suas lonas nesse período, mas a família Marinho resistiu bravamente, mantendo sua companhia atuante até o ano de 2014.

Quando completou 80 anos de idade, Álvaro Marinho decidiu encerrar as atividades da companhia. Na ocasião, foi organizado um grande espetáculo de despedida. Além de reunir todos os circenses da família, o show contou com convidados que atuavam em circos tradicionais e artistas de grupos contemporâneos. Entre esses estavam: Moisés, o Rei dos Pedais; Rodrigo Robleño, o palhaço Viralata; Xisto Siman e João Pinheiro, do *Circovolante*; integrantes da *Cia Circunstância* e integrantes da *Cia Candongas e Outras Firulas*.

Embora não circule mais com seu circo, Alegria segue em atividade e ainda marca presença em alguns eventos e festivais. Alguns dos seus descendentes também continuam na carreira artística, trabalhando em outras companhias circenses. Um deles é o filho Irilei Marinho – o palhaço Bibi – que integra o elenco do Circo Maximus.

Atualmente, Alegria e Maurita vivem em uma xácara em Esmeraldas/MG, onde todos os anos, no período natalino, o circo ainda é armado e a imensa família se reúne para relembrar os velhos tempos e compartilhar, debaixo da lona, a sagrada ceia da noite de Natal.



**FIGURA 3**

Álvaro Marinho preparando o terreno. Foto: Naty Torres.



# REFERÊNCIAS

- » ACHCAR, Ana. (org.). **Palavra de palhaço**. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016.
- » BOLOGNESI, M. F. **Palhaços**. São Paulo: UNESP, 2003.
- » CASTRO, Alice Viveiros de. **O Elogio da Bobagem** – palhaços no Brasil e no mundo. Rio de Janeiro: Editora Família Bastos, 2005.
- » CASTRO, Lili. **Palhaços: Multiplicidade, performance e hibridismo**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.
- » MARINHO, Álvaro Francisco. Entrevista realizada pela Cia Candongas e Outras Firulas em 12 de abril de 2008 em Contagem/MG. Arquivo da Cia Candongas e Outras Firulas.
- » MARINHO, Álvaro Francisco. Fala proferida durante uma Mesa redonda com circos tradicionais, organizada pela Cia Candongas e Outras Firulas em 13 de maio de 2008 em Belo Horizonte/MG. Filmagem na íntegra no arquivo da Cia Candongas e Outras Firulas.
- » MARINHO, Álvaro Francisco. Entrevista realizada pela Cia Candongas e Outras Firulas em 13 de setembro de 2008 em Contagem/MG. Arquivo da Cia Candongas e Outras Firulas.
- » MARINHO, Álvaro Francisco. Entrevista realizada por Lili Castro em 25 de setembro de 2016, em Mariana/MG. Arquivo de Lili Castro.
- » MARINHO, Álvaro Francisco. Entrevista realizada por Lili Castro em 12 de dezembro de 2017, em Esmeraldas/MG. Arquivo de Lili Castro.
- » MAVRUDIS, Sula Kyriacos. **Encircopedia**. Dicionário ilustrado do circo brasileiro. Belo Horizonte: Mútua comunicação, 2016.
- » ROSSINI, Felipe. **Mágicos do Brasil: Artistas que fizeram sonhar**. Belo Horizonte: CECAM, 2007.

## AUDIOVISUAL

- » **CIRCO CRISTAL MADRI**. Espetáculo realizado em 13 set. de 2008, em Betim/MG. Filmagem na íntegra. Arquivo da Companhia Candongas e Outras Firulas.